

série  
**ESPIRITIZAÇÃO**

---

**JACI REGIS**

# **COMPORTAMENTO ESPÍRITA**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

# COMPORTAMENTO ESPÍRITA

**Série**  
**ESPIRITIZAÇÃO — 1**

**JACI REGIS**

**COMPORTAMENTO  
ESPÍRITA**

**1ª EDIÇÃO**

**DICESP**

## COMPORTAMENTO ESPÍRITA

1.<sup>a</sup> edição — 1.º ao 4.º milheiro

Fevereiro de 1981

Copyright 1981 by

DICESP — Divulgação Cultural Espírita S/C Editora

Rua Itororó, 111 – C.G.C. 58.268.228/0001-47

11100 - Santos-SP - Brasil

Direitos autorais cedidos pelo autor

Composto na Linotipadora Expressa Ltda. - São Paulo

**Digitalização:**

**PENSE - Pensamento Social Espírita**

**[www.viasantos.com/pense](http://www.viasantos.com/pense)**

**Abril de 2010**

**Impresso no Brasil.**

## ÍNDICE

	<b>Pág.</b>
<b>Apresentação</b>	7
<b>Introdução</b>	11
<b>Um personagem em transição</b>	15
<b>O processo de crescimento</b>	23
<b>O espírita e o mundo</b>	36
<b>Sexo na vida</b>	48
<b>Raízes das viciações</b>	66
<b>Fazer a hora</b>	80



*Jaci Regis no XVII Congresso da Confederação Espírita Pan-Americana, realizado na Argentina em 1996.*



## APRESENTAÇÃO

**E**sta obra que o site PENSE (Pensamento Social Espírita) disponibiliza ao público, em edição digital autorizada pelo autor, foi lançada em 1981 e se constitui numa rara contribuição ao estudo do comportamento humano sob a ótica do espiritismo.

Atento à dinâmica das transformações sociais, sob um olhar atualizado da filosofia espírita, o psicólogo, economista e jornalista Jaci Regis nos brinda com uma abordagem contemporânea de um tema que até hoje intriga os espíritas, notadamente as gerações mais novas: o comportamento espírita.

Os anos de 1980 representaram para o mundo e a sociedade brasileira, recém-saída do período tenebroso da ditadura militar, a extrema valorização do corpo, a redescoberta de princípios voltados à massificação de um suposto ideal de saúde e beleza, com forte influência no comportamento da juventude.

É nesse período que surgem, no Brasil, propostas alternativas como a política do corpo, lançada pelo ex-guerrilheiro e exilado político Fernando Gabeira, em um tempo marcado pelo renascimento do movimento estudantil, dos movimentos populares, do sindicalismo e da retomada da cidadania, usurpada pelo regime político de exceção. Foi a década da consolidação da abertura democrática, do pluripartidarismo e das eleições em todos os níveis de poder.

O movimento espírita brasileiro sofreria, inevitavelmente, o impacto dessas mudanças sociais, especialmente a juventude espírita. Temas como virgindade, o sexo antes do casamento, divórcio, aborto, pílula anticoncepcional, atuação política, dentre outros, mostravam-se desafiadores. Que contribuição a filosofia espírita pode oferecer na resposta a essas questões? Como deve ser o comportamento espírita em meio ao intenso processo de transformação das relações interpessoais?

É o que pretende Jaci Regis nesta obra síntese, que se constitui num marco para o progresso do pensamento ético sob a ótica do espiritismo. A linguagem atualizada, a visão espírita desprovida de dogmatismo e do religiosismo, tão presentes em obras do gênero, faz deste livro uma referência para muitos setores do espiritismo brasileiro, especialmente aqueles de mentalidade mais progressista, aberta às contribuições da cultura e do saber contemporâneos.

Este pequeno livro foi o resultado de uma conferência realizada de improviso em Osasco-SP, em 1981, na Confraternização das Mocidades Espíritas do Leste de São Paulo (Comelesp). Segundo Jaci, foi um dos momentos mais marcantes de sua vida. Amplamente aplaudido, suas ideias atingiram em cheio os anseios daquela juventude espírita em ebulição, ávida de propostas renovadoras, na busca de respostas às questões por ela vivenciada naquele momento de transição da sociedade brasileira.

Jaci Regis, natural de Florianópolis-SC, é filho de Otávio Regis e Isolina Regis, que inauguraram a primeira geração de espíritas da família. Filho do meio de uma prole de seis irmãos, reencarnou em 30 de outubro de 1932, mas somente seria registrado em 6 de novembro. Frequentou a escola de catecismo espírita em um centro espírita presidido por um primo seu e foi um dos fundadores da Juventude Espírita de Florianópolis, com expressiva militância nos anos de 1946 e 1947.

Por motivos profissionais, a família transfere-se para Santos-SP, onde Jaci assume a direção da Mocidade Espírita Estudantes da Verdade, vinculada ao Centro Beneficente Evangélico que, mais tarde, sob sua liderança e influência, altera a denominação para Centro Espírita Allan Kardec.

Atuou em todas as instâncias do movimento espírita santista e estadual. A partir da década de 1980, Jaci Regis passa a liderar um intenso processo de renovação do pensamento espírita, entrando em choque declarado com setores mais conservadores do movimento espírita. Seus livros, palestras, o trabalho como jornalista e editor do periódico Espiritismo & Unificação, em parceria com o jornalista e economista José Rodrigues, sucedido pelo jornal de cultura espírita Abertura, a criação da Divulgação Cultural Espírita Editora (Dicesp), todo seu dinâmico trabalho à frente da Comunidade Assistencial Espírita Lar Veneranda e posteriormente do Instituto

Cultural Kardecista de Santos (ICKS), fizeram dele a liderança mais expressiva do combatido movimento laico, do movimento de espiritização, do chamado “grupo de Santos”. O Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita, por ele idealizado em 1989, ao longo do tempo se constitui num amplo espaço para o debate cultural do espiritismo, a partir da produção intelectual de seus participantes.

Seus livros, artigos e ensaios, suas ideias, são uma referência fundamental para os setores mais progressistas do espiritismo, no Brasil e na América Latina. Além deste livro, Jaci Regis é autor de Mulher na Dimensão Espírita; Amor, Casamento & Família; Uma Nova Visão do Homem e do Mundo; Muralhas do Passado (romance); Caminhos da Liberdade; Introdução à Doutrina Kardecista; A Delicada Questão do Sexo e do Amor; Doutrina Kardecista - Modelo Conceitual: Reescrevendo o Modelo Espírita; Novas Ideias, Textos Reescritos e Novo Pensar: Deus, Homem e Mundo.

**Eugenio Lara**

**PENSE u Pensamento Social Espírita**

**Abril de 2010.**

## INTRODUÇÃO

O trabalho que apresentamos é uma apreciação brevíssima sobre o comportamento, à luz do espiritismo.

Muitos poderão estranhar que não se indique regras e diretrizes comportamentais rígidas. O espiritismo, contudo, é abertura plena para o espírito, em qualquer posição em que este se encontre. Dirigimo-nos aos jovens, tanto quanto aos adultos, porque o período juvenil não pode ser tomado como um estágio de irresponsabilidade, incapaz de sugerir posições definidas na vida. Ao contrário. É nessa si-

tuação que o espírito reencarnado assume sua completa identidade e responsabilidade pelos rumos de sua vida.

Neste breve e sintético ensaio, que oferecemos à meditação de todos e, em especial aos jovens, pretendemos salientar que a ética espírita decorre naturalmente de sua filosofia e que o espírito, acima de qualquer corrente particular de pensamento, encontra-se ligado, indelevelmente ao código básico do Universo, que é a Lei de Deus, insculpida, como ensina O Livro dos Espíritos, na própria consciência.

A universalidade do pensamento espírita se afirma em decorrência desse entendimento. É preciso, porém, não confundir universalidade com ausência de critérios. Eles estão delineados com precisão e objetividade na doutrina espírita, ao alcance de quem queira aceitá-los e vivê-los.

A moral espírita, em síntese, estabelece que o comportamento autenticamente espírita é consequência natural da boa assimilação da doutrina, cuja vivência, porém, não está ligada a nenhum esquema religioso que vise salvar ou resgatar o homem do pecado ou do mal. Apenas estimula-o a equilibrar-se com a Lei, que é o bem, como uma condição necessária e in-

dispensável para que viva bem, agora e sempre.

Não faltarão objeções a essa postura.

Dir-se-ia que tudo fica no ar. Que prossegue uma imprecisão para quem pretenda seguir a moral espírita. Que seria útil um manual prático, em que as regras gerais fossem estabelecidas.

Todavia, é tempo de spiritizar. Quer dizer, de assumir plenamente o papel que o espiritismo veio desempenhar no mundo. E esse papel é o de facilitar ao homem conhecer a si mesmo e compreender que depende de sua decisão de comandar, conscientemente, sua vida, seu próprio futuro.

Por isso nos propomos a colocar ideias e sugerir pontos para questionamento. A obra do espiritismo é todo um compêndio de comportamento moral. As regras, contudo, devem emergir naturalmente de sua assimilação.

E isso é tão mais importante quando temos experiência da inocuidade e mesmo da contra-indicação de quaisquer constrangimentos ou de pressões comportamentais. Isso leva à excitação febricitante dos fanáticos ou dos que distorcem de tal forma sua visão existencial que acabam por se tornarem excêntricos, traumatiza-

dos e infelizes, por tanto buscarem a felicidade por caminhos transversos.

Por fim, uma abordagem sobre o comportamento não é um julgamento. É uma discussão aberta, simples e objetiva das formas de interação social e humana que decorrem e resultam da existência e da vida.

Tal é o nosso propósito. Queremos apenas suscitar debates, comentários e reflexões. Para equacionar, porém, a análise que pretendemos fazer, levantamos, como hipótese de trabalho, as seguintes questões, que terão desenvolvimento nos capítulos desta obra:

1. O comportamento espírita é naturalmente diferente ou deve esforçar-se para ser?
2. Se o espiritismo não impõe regras, como se definirá o comportamento espírita?
3. Vivendo no mundo, como superar as exigências, os desafios, as necessidades, sem comprometer-se espiritualmente?
4. Como se situar diante do apelo aos excessos e vícios que estão presentes e são estimulados no mundo?
5. De que maneira compreender e usar as forças sexuais?



# 1

## UM PERSONAGEM EM TRANSIÇÃO

O comportamento é a expressão da individualidade, exteriorizada em atos, palavras, gestos, ações e interiorizada em pensamentos, ideias, desejos, constituindo o que se chama de personalidade.

Na encarnação, admitem-se comportamentos específicos, próprios aos vários níveis de idade. São decorrentes de experiências cristalizadas na mente imperecível e desencadeadas, em cada encarnação, de acordo com as circunstâncias e as condições do ambiente.

O homem do século 20 é um espírito vivenciado em múltiplas encarnações.

Guarda uma bagagem de experiências que lhe delineiam a estrutura mental, o perfil moral. Seu comportamento representa a variedade de estados emocionais, mostrando o nível alcançado pela individualidade permanente, através de sua personalidade em transição.

Considerando que a grande maioria dos espíritos que vivem no planeta Terra aqui vêm evolucionando desde há muito, formando uma humanidade mais ou menos permanente, compreende-se, pela história, que atingimos uma etapa do processo de crescimento individual e coletivo, em que os valores deverão definir-se. Agora, é necessário que o homem assuma sua natureza espiritual e desenvolva, no plano da vida terrena, novas formas de relacionamento e revolucione seu projeto de vida, a partir dessas premissas espirituais dinâmicas.

É inegável que o espiritismo propõe uma nova visão de vida e do homem. É a partir dessas ideias básicas que se erguerá o comportamento espírita.

O espiritismo, partindo das imprecisões espiritualistas, concebe o homem na dinâmica espiritual, num processo de crescimento contínuo, a partir da simplicidade

e da ignorância, desenvolvendo potenciais naturais e que lhe são próprios. Assim, o homem é, essencialmente, um espírito imortal, perfectível, em constante desenvolvimento interior e projetando-se continuamente no que se chama destino, que mais não é do que a acumulação de experiências, no tempo e no espaço.

O homem é, pois, uma unidade espiritual, que se exprime no mundo através de um corpo somático, no processo da reencarnação, procurando desenvolver-se interiormente, a fim de assumir o comando do próprio destino.

Essa definição, sintética e direta, é, em si mesma, uma projeção diferente, desafiadora para o comportamento humano. É preciso entendê-la, dissecá-la para que produza efeitos concretos no modo como cada um vê o objeto da própria existência.

Em outras palavras, o espiritismo oferece ao homem uma contribuição fundamental para a renovação de seus conceitos existenciais e reestruturação do comportamento social.

Por isso, pioneiramente, a comunidade espírita deve mostrar-se coerente com essa nova visão do homem e do objeto de sua vida, testemunhando as dimensões que

se abrem para a resolução dos problemas que envolvem o relacionamento das pessoas e dos povos.

As soluções, contudo, não podem ser procuradas com propostas simplistas. É preciso encarar a realidade das estratificações sedimentadas no campo mental dos indivíduos e projetadas nas estruturas sociais.

A ideia do espírito é, ainda, uma abstração, algo que cheira a penumbra, a mistério. Bitolado na falsa conceituação do concreto como a única face do real, o homem vê-se como um organismo. Por isso, não se pode esperar, de imediato, que se aperceba da sua própria essência.

Mais do que isso, o comportamento é uma expressão complexa, uma projeção de ideias, conceitos, experiências, aspirações, enfim, da filosofia que cada indivíduo desenvolve ao longo de sua vida, considerada em sua dimensão permanente.

Por outro lado, o homem do nosso século, como vimos, traz uma história, uma ficha de aprendizagem, em que estão inculcadas normas, regras, traumas e pressões a que tem sido submetido no transcorrer dos tempos.

Na questão de sua natureza e do objetivo da vida, a importância dos conceitos, ritos, práticas e ordenações religiosas têm um peso ponderável, decisivo. Na verdade, a trajetória humana é uma constante contradição entre os fundamentos das religiões e sua condição natural. Em virtude dessa circunstância, podemos, sem dificuldade, listar algumas posições assumidas, através da história, pelo pensamento dominante, em relação ao homem no contexto da vida:

1. As religiões tenderam, em qualquer tempo, a negar ao homem a possibilidade de autodirigir-se, condenando-o pelo pecado, submetendo-o aos humores dos deuses e à discriminação dos sacerdotes e igrejas.
2. A família foi estruturada de forma a sufocar a individualidade, massificando o indivíduo, sob a pressão dos interesses do clã ou dos grupos sociais.
3. A ordem social vem impedindo que a maioria cresça independente, exercitando a vontade, de tal sorte que as minorias têm, invariavelmente, se apossado da terra e do resultado dos bens produzidos, tornando o relacionamento social basicamente injusto.

conseguir tudo isso? Não, certamente, através de motins armados, que acabam por se constituir apenas em mudanças de pessoas e ideologias, e que terminam por manter a sufocação em que o homem se encontra, em nome do progresso, da ordem, do perigo externo, da felicidade.

Creemos que o espiritismo pode ajudar na procura dessa saída.

Nas épocas de crise, convulsiona-se a mente e tumultuam-se as relações sociais. A transição traz insegurança. O que se pensava certo, as bases em que se apoiava a estrutura da vida familiar e social, se tornam movediças, instáveis. A crença é substituída pela dúvida. Ninguém tem certeza do que é e do que vai acontecer.

A saída que o espiritismo pode oferecer é a sua visão do homem e do objetivo da vida. Todos os instrumentos doutrinários tendem para esse esclarecimento, essa compreensão, porque é a única que realmente importa.

Para os que aceitam a doutrina espírita como filosofia de vida, o problema está em resolver como comportar-se, para viver seus princípios revolucionários, aqui e agora.

É da natureza da doutrina espírita, motivar o indivíduo a transformações morais, porque ela desloca o centro de gravidade dos interesses humanos, na medida em que se dimensiona a existência em termos que se expandem no tempo e no espaço.

A questão precisa ser equacionada de maneira a constituir, realmente, uma abertura, dando aos vários comportamentos conotações revolucionárias, seja na consistência do conteúdo que os sustenta, ou na forma como se analisa, vê e sente cada um deles.

Quer isso dizer que o caminho escolhido precisa ser percorrido com todo um criterioso senso de equilíbrio, pois à margem, estão posições conflitivas. De um lado, o que poderemos chamar de "convencional", que se mostra incapaz de admitir o crescimento do homem, condenando-o, tornando as reações e atitudes naturais, sujas, impregnadas de pecado e envoltas numa sedição conotação de imoralidade. De outro, os que se julgam "avançados", cujo comportamento é um misto de rebeldia contra as imposições "convencionais" e uma insensata dependência de atitudes impulsivas, negativas, radicalizando-se no

materialismo irracional. Estes, se rompem o cerco obscurantista do passado, projetam no presente a seiva da anarquia mental, da irresponsabilidade.

Daí a imperiosidade de pesarem-se, criteriosamente, repetimos, as opções, co-tejá-las com os princípios filosóficos esposados, para encontrar o ponto de equilíbrio, evitando condenações inócuas e inoportunas, e adesão precipitada a comportamentos que exprimem, antes de tudo, imaturidade.

Todo crescimento real importa em amadurecimento. Este, entretanto, não implica em inflexibilidade de comportamento ou em estratificação mental. Amadurecer espiritualmente é extrair das experiências vividas resultados positivos. É entender melhor, por ter experimentado.

Amadurecer não é condenar ou se omitir. É participar mais ativamente.



# 2

## O PROCESSO DE CRESCIMENTO

A proposta do espiritismo, relativamente ao comportamento, é dinâmica. Isso significa, objetivamente, que o espiritismo não nos sugere qualquer comportamento que se expresse antinaturalmente ou que signifique uma posição alienada, isto é, afastada da realidade e transferida para o além.

Essa compreensão é tão mais importante quanto sabemos que, pelo fato de tratar com os problemas do espírito, da mediunidade e da vida, em dimensões não materialistas, o espiritismo é tido como o

sobrenatural. A primeira etapa é, ainda, mostrar que o sobrenatural não existe e tentarmos encontrar os níveis da dinâmica do natural.

Entretanto, como nos adverte *O Livro dos Espíritos* (questão 776), lei natural não é a mesma coisa que estado natural ou de natureza. Esta é uma condição primitiva, "é a infância da Humanidade e o ponto de partida de seu desenvolvimento intelectual e moral (...). A lei natural, ao contrário, rege a Humanidade inteira e o homem se melhora à medida que melhor a compreende e pratica". São comentários de Allan Kardec à mesma questão.

Em outras palavras, a lei natural é o perfeito equilíbrio que todos procuramos, através do processo de crescimento interior que estamos realizando, desde o momento em que fomos criados simples e ignorantes.

Em muitos lugares ouvem-se sugestões para que permaneçamos no estado natural, como se o espírito, que é potencial, perfectível, tivesse que manter-se estacionário no plano do relacionamento, do comportamento e de sua força interior, comandado por impulsos, dirigido por instintos, desprezando a si mesmo, enquanto

sua mente fulgurante construísse um mundo externo cada vez mais sofisticado e, talvez, mais injusto.

É de André Luiz, através de Francisco Cândido Xavier, a frase: "o homem, para auxiliar o presente, é obrigado a viver no futuro da raça". Essa afirmação, incisiva e objetiva, pode também ser encontrada nos versos de Geraldo Vandré:

"Quem sabe faz a hora,  
não espera acontecer".

Tanto numa como noutra afirmativa, vemos o convite para a consciência do homem manifestar-se plenamente, na construção de seu destino.

Há, como sabemos, contestação à existência ou possibilidade do homem ser livre. Segmentos da comunidade científica afirmam que a liberdade não passa de um mito, porque o homem mais não seria do que um produto do meio, do condicionamento educacional ou social e, o que é mais chocante, um escravo da tirania biológica, genética.

A liberdade essencial é, como se vê, negada, porque cada um desses segmentos restringe o homem ao biológico, ao social, desprezando sua natureza espiritual. Sem

esse elemento, sem essa abertura, a criatura não passa, realmente, de um reflexo biopsíquico, que brota, por processos mecanicistas de reprodução, tal como a herva que se desenvolve, para uma breve vida, solitária e indefinida.

Mesmo as teorias mais humanistas, que estimulam o homem a superar-se, ficam sem uma base mais sólida, porque não conseguem oferecer sustentáculo aos apelos que fazem à maturação, ao domínio de si mesmo.

Uma realidade, contudo, não pode ser negada. É que o homem possui qualificações que, continuamente, destróem as teorias mais bem arquitetadas que tentam condicioná-lo a modelos restritivos. Se se podem identificar ciclos repetitivos no desenvolvimento da pessoa, principalmente no domínio das reações instintivas e fisiológicas, tem sido impossível esquematizá-las em padrões rígidos.

Essa qualidade interior, indecifrável pelos códigos da psicologia puramente materialista, comportamentalista e experimental e que destrói as teorias sociológicas da insuperável pressão do meio como modeladora do caráter ou mesmo da cha-

mada engenharia genética, é que garante ao espírito a possibilidade de alterar, a qualquer hora, o rumo de seu destino.

Não seguiremos adiante, nesta análise, sem voltarmos a enfatizar que o espiritismo concebe o homem como uma unidade complexa, na qual, não obstante soberano, sob o ponto de vista da essencialidade, o espírito participa das contingências da encarnação física. Por isso, um corpo deficitário, mal nutrido, submetido à ação predatória do meio ambiente, tenderá a criar condições adversas ao livre expandir da inteligência, do espírito. Tanto quanto as pressões sociais, sejam políticas, econômicas ou de qualquer outra espécie, levantam barreiras ao seu crescimento, mantendo-o submetido, indeciso, amedrontado, infeliz.

Essas considerações são necessárias porque há quem pretenda fazer uma divisão definida, precisa, entre corpo e espírito, durante a encarnação, como duas entidades que apenas se toleram, quando, na verdade, o que há é uma integração "molécula a molécula". Daí ter o espiritismo postulado como condição necessária para o desenvolvimento espiritual, uma socie-

dade equilibrada, em que os fatores ambientais sejam favoráveis e não contrários ao pleno exercício das faculdades do espírito.

A liberdade é, pois, essencial para que isso se concretize. Isso está colocado naturalmente dentro da concepção espírita do crescimento do espírito, a partir da simplicidade e da ignorância. O livre-arbítrio é uma peça indispensável, fundamental, para o projeto de crescimento individual e coletivo.

O livre-arbítrio significa para o espírito a possibilidade de optar entre variáveis, exercendo o direito de escolha e o exercício da vontade como garantia do poder de executar sua decisão. Ora, todas essas atitudes só se concretizarão a partir de uma base de conhecimento do porquê, das razões, de um consistente objetivo para a vida.

A capacidade de mudar está diretamente relacionada com essa realidade. Só se muda quando não se está satisfeito com o que se tem ou onde se encontra. E desde que se encontrem opções atraentes, que satisfaçam as necessidades que, no momento, surjam como as mais urgentes.

A verdadeira mudança comporta dois estágios. O da decisão, que é instantânea, definidora. Às vezes é fruto de uma lenta maturação e até de muitas e muitas experiências negativas. Mas quando surge é decisivo. Ninguém decide mudar aos poucos.

O outro estágio é o da concretização. Esse sim, pode ser algo demorado, porque a decisão de mudar não transforma o que é, no que desejamos que seja. Essa transformação segue um caminho, uma sequência, mais ou menos demorada, conforme o poder de execução desenvolvido, no interior de cada um.

Se é verdade que qualquer crescimento é solitário, no sentido de que toda essa engrenagem de opção, escolha, decisão e poder são exclusivamente pessoais, intransferíveis, que ninguém pode fazer por outrem, é também evidente que esse crescimento só pode ser exercido solidariamente. Porque ninguém cresce isolado em si mesmo, mas no relacionamento com o outro.

Então o espiritismo também concorda que as pressões sociais são instrumentos para acelerar ou retardar a decisão de mudar que cada um deve e tem que tomar, no

seu devido tempo. Isso é facilmente constatável. O que se chama consenso, mesmo equívoco, é uma projeção das necessidades individuais que se transforma numa ação coersiva, de aprovação ou rejeição que ninguém pediu conscientemente, mas que a maioria, mais ou menos rapidamente, acaba por aceitar e, por vezes, aliviada.

Por isso é possível identificar períodos marcantes em que a sociedade sofre abalos, precipita decisões, vê-se metida em caos, em revisão da ordem estabelecida, em subversão dos valores até então aceitos.

Constatamos esse fermento, nas transformações maiores, no decorrer dos séculos, embora de forma não linear, mas espiralada, em semicírculos que não se fecham em si mesmos, mas guardam uma inclinação ascendente. Ideias lançadas num século vão frutificar duas ou três centenas de anos depois, porque há tempo de sementeira e tempo de colheita. O que é válido também para as ações desequilibrantes que, muitas vezes, além do trauma momentâneo, persistem provocando respostas contundentes, mais adiante.

Há uma certa unanimidade em considerar os tempos atuais como sem preceden-



tes na história da humanidade, devido à multiplicidade das opções e oportunidades que decorrem da destruição das bases em que a sociedade vinha se apoiando nesses dois últimos milênios.

Esse espaço vazio, essa indefinição que se segue à negação daquilo que antes parecera tão sólido, provoca uma abertura de ideias, opiniões e permite que cada um se defina e encontre seu objetivo e lute por ele. Aqueles que não encontram esse objetivo e por isso não têm bandeira de luta, precipitam-se no desequilíbrio mais evidente, seja cultivando as sensações periféricas, em desesperada tentativa de afogar esse vazio, ou mergulham nas fugas da alienação de si mesmos.

A primeira lição comportamental do espiritismo é que devemos nos livrar da angústia da perfeição, a fim de que possamos equacionar nossa própria imperfeição.

Sem essa precaução, cairíamos facilmente na armadilha da presunção ou no desânimo diante da tarefa a ser executada, isto é, a da execução da mudança decidida. Só convivendo com a realidade de nossa imperfeição, assumindo-a, é que podemos lutar por transformá-la em estados gradativamente mais equilibrados.

O importante é ter tomado a decisão. Saber que não existe uma hora final pré-estabelecida. Mas uma hora decisiva, que cada um percebe e assume. É necessário destacar, por outro lado, que uma decisão que não importe em mudança, é uma falsa decisão, porque esta só é, de fato, quando se concretize em comportamentos compatíveis.

Estamos nos referindo à extrema necessidade de tornar prática, operante, uma visão teórica. Esta por mais rica de detalhes, só será válida se puder estimular ações, atitudes, que expressem conceitos definidos, mesmo considerando que cada pessoa é diferente, porque aproveitou diferentemente as experiências vividas.

Falamos da solidão em que cada um toma sua decisão e da solidariedade que envolve sua execução. Daí a evidência de que as pessoas afins formem grupos de opinião que, naturalmente, passam a exercer uma certa pressão social.

Os espíritas formam, certamente, um grupo social de pressão. Através de comportamentos que expressem a visão própria, definida, que o espiritismo tem sobre o homem e a vida, essa pressão é percebida nos demais grupos sociais. Essa visão é

específica no sentido de que, embora inserida e atuante no cotidiano, manifesta-se dialeticamente, isto é, coloca-se como síntese no conflito das contradições espiritualistas e materialistas, personificando-se, identificando-se.

É diferente porque é espírita.

Se não houver uma identificação capaz de dizer "esse é espírita" "esse não é espírita", então o espiritismo não teria trazido contribuição alguma e se diluiria, como uma seita a mais, uma forma particular de culto à fantasia religiosa.

É coisa que se mostra evidente. Somente a irradiação de núcleos de pessoas que se manifestam na vida, espiriticamente, mostrando a natureza da filosofia de vida do espiritismo, se constituirá em elemento de pressão social.

Todavia, essas atitudes não significam mera postura social, um estereótipo, um modelo rígido. Aí reside o ponto crucial da questão. Ser diferente naturalmente, não por excentricidade, medo, omissão ou distorção. Ser diferente porque vê, sente, percebe e vive sob um enfoque próprio, definido. E, ao mesmo tempo, guardar abertura para a conquista de novos valores e, o

que é mais importante, não assumir qualquer posição de julgamento ou condenação.

O comportamento tipicamente espírita terá que ser autêntico, isto é, exprimirá posições e sentimentos interiores, guardando a certeza de que seus conhecimentos e sensibilidade estão em transição, na tentativa de passar de um nível inferior para outro superior, sucessivamente.

Essa transição é a parte penosa do processo de mudança, porque a tendência é querer uma transformação súbita, instantânea. Mas como é assumida baseada numa filosofia de vida, firme, racional, capaz de "enfrentar a razão em qualquer época da humanidade", torna-se menos aflitiva.

Os sinais dessa mudança emergem paulatinamente. São como mutações que se processam e afloram sem uma clara percepção de como acontecem. Mas se mostram a partir do momento em que se chocam com o estado atual das coisas e situações e exigem outras formas de compensação vibratória, emocional, humana. Em certas circunstâncias, se manifestam como insatisfação, como uma busca compulsiva de uma saída para a angústia exis-

tencial. E precipitam o conflito que é, então, o sinal de que a mudança está em curso, embora não concretizada. Porque o conflito, a crise, é uma predisposição para mudar. Mas a decisão pertence ao espírito.

A espiritualização significa, para o indivíduo, que ele assume por inteiro seu corpo, suas horas, sua inteligência, seu sentimento. É uma descoberta que amplifica as próprias dimensões pessoais. É como (e isso às vezes acontece de imediato) se desenvolvessem percepções extrasensoriais capazes de dar às percepções usuais uma nova estrutura, penetrando níveis de realidade inabordadas anteriormente. É como se conseguisse apalpar-se nas dimensões de sua espiritualidade.

Repetimos que esse não é um processo de sublimação, mas de crescimento, tanto quanto possível equilibrado das forças intelectivas e sensíveis. Impõe-se, por certo, disciplina da vontade, cultivo da razão e ação prática. Enfim, uma intensa participação, uma saída do "eu" para a integração emotiva com o outro, com o mundo.

Seria, para usar as expressões filosóficas, passar da condição de "homem do mundo", para a de "homem no mundo".

# 3

## O ESPÍRITA E O MUNDO

A visão global do espiritismo, abrangendo desde as causas primárias à harmonia do Universo, oferece elementos capazes de levar o homem a situar-se na vida.

Situar-se na vida, quer dizer compreender o que é, o que está fazendo no mundo e qual seu destino. Isso significa resolver o mais intrigante e desafiante problema que as pessoas defrontam.

As posições são extremadas.

De um lado, a visão fisiológica que define o homem como um organismo, um animal dotado de razão, fazendo parte do

meio ambiente, como um elemento, dinâmico, sem dúvida, modelador, atuante, mas nada mais do que um produto circunstancial, eventual do processo biológico. Essa visão, como é óbvio, rejeita qualquer natureza extrafísica para as atividades da inteligência e do sentimento. Um e outro, seriam produto de secreções hormonais e funções nervosas ainda não perfeitamente estabelecidas em sua natureza e causa, mas que, de qualquer forma, limitariam o homem ao campo exclusivamente físico. O mundo é o começo e o fim.

A contrapartida espiritualista fornece como base para o homem a existência da alma. As várias correntes, contudo, divergem sobre como essa alma é, porque é e para onde vai. Como o espiritualismo em geral é mais uma crença, uma revelação atomizada por muitos reveladores, não há uma preocupação de ordenar cientificamente as ideias. Há uma especulação sobre as origens e o destino do homem. De um modo geral, as várias correntes encaram a vida terrena como um ônus, uma espécie de queda ou degeneração do espírito ou alma, que se rebaixaria pelo contato com a "matéria", isto é, como o corpo e suas funções biológicas.

É outra a compreensão espírita.

O homem é por ela definido como um complexo tridimensional, em que entram o **espírito**, ser espiritual, imortal, inteligente, perfectível; o **perispírito**, organismo extra físico, veículo de expressão transitória, constituído de fluido (modificação da matéria), imponderável para nossos sentidos, mas real, concreto e circunscrito quando submetido à vontade do espírito; **corpo físico** compatível com a vibração do elemento material, submetido às leis da hereditariedade, mas modelado a partir das realidades do espírito.

Temos, no homem, pois, uma parte essencial e duas transitórias, ajustadas às necessidades de manifestação do espírito, nos dois planos de vibração material em que se divide a realidade física da Terra: plano físico ou material e plano extrafísico ou espiritual.

O espírito é perfectível, isto é, tem potencialidade para atingir a perfeição, que representa o equilíbrio total e harmonizado dos fatores criativos que lhe são próprios, em relação à Lei. Para alcançar esse equilíbrio harmonizado, o espírito vive. Vive nos dois planos de realidade física da Terra. Isto é, encarna, ligando-se a um



corpo físico, submetido aos condicionantes próprios da vida corpórea e desencarna, permanecendo no plano extrafísico, ligado ao perispírito.

A Terra é, para o espírito, o local, a "morada da Casa do Pai", onde exercita sua condição de ser vivente e perfectível. Não é lugar de desterro, castigo ou condenação. A sociedade reflete a média da evolução dos espíritos aqui viventes. O ambiente é adequado ao processo de crescimento a que todos se submetem.

Dentro desse princípio, podemos reavaliar a posição do homem no mundo e compreender a importância do mundo para o homem.

Essa reavaliação é necessária porque a transitoriedade da vida terrena não pode ser tomada como um fator de desestímulo ou de alienação. É fato que cada um vive aqui um tempo muito curto, apesar de tudo indicar que, no futuro, a existência terrena será cada vez mais dilatada. Há, porém, outros fatores a considerar.

A Terra é nosso campo de aperfeiçoamento, de crescimento. Aqui desenvolvemos a paixão que nos conduz à criatividade, ao amor. Como humanidade, desbravamos, ao peso de muito suor, lágrimas e

angústias, todas as latitudes do globo, dilatando-lhe os horizontes. Tiramos, com acertos e erros, a Terra da situação de planeta primitivo, embrionário, para as conquistas da civilização atual.

É certo que acumulamos erros. Esses erros, todavia, não são apenas projeções do pecado, da maldade. Em muitas ocasiões foram a resposta natural da imaturidade da maioria, da inexperiência generalizada. Aqui, pressionados pelos desafios da vida e pela angústia interior que nos impulsionou, desenvolvemos nossa inteligência, criamos condições para que o pensamento fluísse cada vez mais contínuo, produtivo, criativo.

Na lenta ascensão para o desabrochar do amor, construímos a casa, transformando-a em lar. Criamos a família, elevando o instinto sexual, pela dignidade da paternidade e da maternidade.

É rotina nas grandes religiões e nos grandes profetas, a condenação do mundo, como uma serpente tentadora, a enrolar-se na alma, destruindo seus mais caros ideais. O anátema de Sodoma e Gomorra flui pela boca acusadora de muitos reveladores.

Na verdade, poucos tiveram palavras dóceis e suaves como o Mestre de Nazaré. O jovem pregador da verdade soube apontar a magnificência do lírio do campo e exaltar a bolota de carvalho.

Se percorrermos todas as épocas, veremos como uma constante, as predições do fim do mundo, as esperanças de um Salvador, as lendas do fogo eterno, do grande cataclisma, do dilúvio. Tudo concorrendo para a ideia de que a vida é um castigo, uma condenação, ao invés de uma extraordinária experiência de crescimento e criatividade.

Essas ideias derrotistas, macabras, doentias, como nos ensina o espiritismo, fazem parte das lembranças profundas, das primeiras civilizações que povoaram a Terra. Eram espíritos transmigrados de outros planetas, por não terem acompanhado o progresso moral das humanidades neles viventes. Essa brutal diferenciação do ambiente, o trauma da separação de uma realidade superior, em relação às inóspitas e primitivas condições do planeta terreno, permitiram, estimularam as crenças, os mitos da queda do espírito, a expulsão do paraíso, do pecado original, que ainda hoje fazem parte do repertório

mental sedimentado pela maioria, apesar das múltiplas encarnações e a renovação espiritual da população.

Ao estabelecer as bases da doutrina, Kardec descartou esse aspecto de queda e punição. Justamente esta é uma das tarefas do espiritismo: valorizar a vida, ressaltar que o mundo, a Terra, é obra de Deus e que a matéria é um dos componentes essenciais do universo e que não pode ser tomada como sinônimo de pecado, mal ou prisão.

Essas ideias sobre o "vale de lágrimas", queda do espírito, condenação do mundo, pertencem ao conjunto de concepções imaturas, simples erro de projeção, justificável em seu devido tempo, mas insustentável hoje. Seria a mesma coisa que permanecêssemos defendendo, nos dias atuais, as ideias de Ptolomeu sobre a Terra e o Sol e manter a condenação de Galileu por ter afirmado que a Terra se move no espaço.

A Terra é nossa morada, laboratório em que pesquisamos nossa natureza e criamos nosso futuro. Nela precisamos construir uma sociedade justa, humana, baseada na fraternidade, no respeito e na dignidade do homem, com seus direitos

inalienáveis à liberdade, de participação na riqueza que produz e nas decisões políticas. Enfim, todo o conjunto de necessidades a que faz jus a criatura para desenvolver seus potenciais.

Debate-se a criatura humana na busca da felicidade, palavra que encerra um sentido muito relativo, devido à variedade de apetites, de expectativas e de circunstâncias que traçam o limiar do que seja felicidade em cada momento da vida.

**O Livro dos Espíritos** nos dá uma orientação que nos parece de definitiva valia para nosso entendimento. Encontramo-la na questão n.º 922, assim formulada por Kardec:

922 — A felicidade terrestre é relativa à posição de cada um. O que basta para a felicidade de um, constitui a desgraça de outro. Haverá contudo, alguma soma de felicidade comum a todos os homens?

"Com relação à vida material, é a posse do necessário. Com relação à vida moral, a consciência tranqüila e a fé no futuro".

Tal a condição que deverá ser encontrada para a construção de um mundo me-

lhor, sendo certo que ninguém confundirá o "necessário" com a ideia de privação, de simples sobrevivência ou como um limite de pobreza e miséria. Trata-se, como se observa, de uma diretriz sadia, claramente afinada com as melhores perspectivas do homem, livrando-o do peso do supérfluo, do consumismo e de todas as extravagâncias, que acabam por desgastá-lo.

Descartando as ideias punitivas acerca da vida, o espiritismo mostra que uma ânsia insopitável domina o indivíduo, estimulando-o à procura de níveis vivenciais cada vez mais plenos, isto é, em que encontre equilíbrio em si mesmo, sintase participante, criativo, relacionando-se compensatoriamente com o outro, expandindo sua emotividade, enfim, amando.

O espírito, na sua caminhada evolutiva, no início quase que exclusivamente no mundo físico, onde se identifica e se sente seguro, aprende pelos mecanismos do encarnar-desencarnar-reencarnar, a penetrar, devagar, no plano extrafísico imediato, a fim de perceber-se como espírito e a cultivar os valores que se combinam com a Lei. A Lei é, em síntese, a expressão da vontade de Deus, em cujo pensamento estamos todos mergulhados e

que estabelece os princípios de equilíbrio, reciprocidade e compensação em que cada um e todos precisam viver, atingindo a plenitude interior, ou seja, a felicidade.

Não pretendemos sintetizar todo o complexo processo de decisão em que o espírito se compromete, traçando o rumo de seus passos, através do tempo. Podemos dizer, porém, que a partir de um determinado momento, adquire a liberdade de escolher, o livre-arbítrio, que assinala, também, o nascimento da responsabilidade.

Daí para a frente, o uso dos instrumentos da vida é, cada vez mais, de sua direta responsabilidade. Passando necessariamente pela fieira da ignorância, pode desvincular-se desde logo ou não de atitudes que lhe comprometam a caminhada. É certo que atravessa, invariavelmente, os caminhos do egoísmo natural e das paixões. Há os que seguem em frente e os que se atrasam. É destes que falaremos. Dizer que são a maioria, seria precipitarmos em terreno meramente especulativo.

Nesse aprendizado, o espírito, tanto encarnado como desencarnado, principal-

mente na primeira posição, pelo menos inicialmente, cria princípios morais, desencadeia processos de ação e reação, mergulha em conflitos emocionais, estagia no orgulho, permanece no egoísmo, em ciclos de atritos, conflitos e respostas angustiantes, que a vida sempre dá. Nesse quadro aparentemente caótico, como o garimpeiro entre os cascalhos, seleciona vagarosamente e depois cada vez mais aceleradamente, as próprias emoções, cresce em si mesmo, na busca da meta de amor, que signifique estados de paz, que lhe permitam criar, porque só na atividade criativa, ainda que no plano menor é que a vida se justifica.

Encontramos na estrutura social do mundo fundamentos éticos como, entre outros, a moral cristã, que estabelecem conceitos altamente equilibrantes para a vivência do homem. O comportamento pessoal e coletivo é, porém, igualmente conflitante com esses valores. Como compreender o abandono, pessoal e coletivo, desses valores morais positivos, em favor de atitudes negativas e desagregadoras?

A análise espírita do homem e da vida, permite deslocar o centro de apoio da estrutura social para dimensões dinâmicas, desfazendo o cerco berço-túmulo, mostran-



do o antes e o depois do presente, criando elos de compreensão, do porquê das coisas.

O espírita vê a sociedade composta de espíritos a exprimirem estados evolutivos próprios, nos atos do dia-a-dia, nas esquematizações sociais e percebe a ânsia desses mesmos espíritos em buscar, mesmo que no plano teórico, comportamentos mais satisfatórios, individual e coletivamente.

Por isso, o espírita nega os valores do mundo, enquanto permaneçam no nível do imediatismo e no desconhecimento dos valores espirituais da vida. Essa negação, não significa condenação. Nega no sentido de transcender, de reavaliar e de sair para comportamentos renovadores, que expressem sua maneira de ver a vida.

Para conseguir isso, ele cria sua própria consciência e mantém-se nela, independentemente de ser ou não aceita pela maioria, porque sabe que é minoria, porque compreende que assumiu uma posição definida e trabalha por concretizá-la como fato real na própria vida.

# 4

## SEXO NA VIDA

O problema sexual não pode ser minimizado. Pensa-se, muitas vezes, que pelo fato de haver hoje uma abordagem aberta e, não raro pouco habilidosa e incorreta, que o tema esteja esgotado ou que não há coisa alguma a acrescentar.

Há engano nesse aspecto, porque não basta uma boa instrução sobre o desempenho dos hormônios e aparelhos genitais para que o assunto seja dominado. Além da extrema variedade das emoções, sensações e comportamentos que derivam da sexualidade, a grande maioria permanece

desorientada, deficitária, acerca das questões mais elementares relativas ao sexo.

Nos últimos anos, maciça literatura sobre o sexo tem sido liberada. Pesquisas sérias e pseudo-científicas são divulgadas, enquanto o cinema e o teatro, as revistas e os livros penetram um sentido pornográfico, em nome do erotismo.

Em toda essa massa de informações e desinformações, tudo flutua em torno da premissa de que toda a tensão sexual, todo desempenho do sexo tem princípio e fim no organismo. O corpo surge como o instrumento de expressão da sensibilidade.

Aliás, a descoberta do corpo parece ter sido a grande novidade nos anos recentes. Antes, por deformação religiosa, o corpo era um objeto detestável. A falsa compreensão que idealiza a vida perfeita apenas no além-túmulo, criou a crença de que o homem devia "sofrer" com paciência a injúria da encarnação, e transferia para o corpo a causa dos males e paixões. A carne é fraca, dizia-se, atribuindo ao organismo a culpa pelas decisões do espírito.

O corpo foi maltratado, desprezado, seveciado para purificar o espírito. A sexualidade foi combatida sem trégua. A repressão social, a estrutura imposta pelas

concepções religiosas criaram problemas profundos que ainda perdurarão por largo tempo, devido aos traumas desenvolvidos na mente imperecível.

Se fizermos um estudo das motivações religiosas, do pecado, o problema sexual estará estampado sem retoques. E a impressão é tão marcada que não obstante toda a publicidade em torno do assunto, o sexo é, ainda, na consciência profunda e até menos profunda das pessoas, sinônimo de mal, de sujo, de posse, de gozo impuro.

Por ter sido reprimido e sofrido em si mesmo a incompreensão, através dos tempos, o espírito passou a ter do sexo um sentimento sadomasoquista. Mesmo nas canções populares, as frases denotam essa relação prazer-dor no ato sexual. A cópula é vista, sentida, fantasiada, geralmente como uma forma de sofrimento-alegria, que se impõe a alguém ou inflige a si mesmo.

Uma outra faceta dessa questão é a sexualidade feminina. Nos decretos religiosos, a sexualidade feminina não existia. A mulher devia contentar-se em ser objeto sexual do homem, para o fim específico de procriar. O gozo, o prazer, eram-lhe interditos em nome da moral. Por isso ela de-

via comportar-se estática no ato sexual, comedida nos carinhos. Mesmo as prostitutas, que seriam as que rompiam as regras e se entregavam ao pecado, não eram realmente livres, mas também deveriam colocar-se à disposição do homem.

Agora joga-se sobre a mulher toneladas de imagens, palavras e discursos estimulando-a a participar do jogo sexual, a usufruir do gozo e tomar a iniciativa. Enfim, assumir o sexo.

Espíritos que se tinham contingenciado à função sexual feminina, por muitas e muitas encarnações, veem-se, agora, em nova e insegura situação. A própria estrutura coatora da sociedade fende-se diante da sexualidade feminina e isso desencadeia uma outra série de problemas, porque na mulher o sexo produz um filho. Aí entram as questões explosivas do aborto, da virgindade, do amor livre e outras.

Como é de esperar-se, nessa transição, os exageros são evidentes. Toda pessoa reprimida, bloqueada, ao ser liberada não sabe, não tem experiência para usar o espaço que lhe é oferecido. Há uma generalizada insegurança e profunda confusão nesse setor. A sociedade consumista quer vender um produto, então o sexo é um pro-

duto. É claro que o sexo feminino sempre foi objeto de compra e venda. Agora, todavia, essa comercialização não se faz apenas nos bastidores, mas abertamente, de modo que o corpo feminino é ainda a carne cobiçada, oferecida à cupidez masculina e ao hedonismo das mulheres.

Mas o homem não fica fora dessas mutações. Ao contrário. Embora o papel que lhe foi destinado, na verdade o indivíduo de sexo masculino sempre apresentou sinais de carência afetiva e de insegurança gritantes. O propalado machismo esconde, quase sempre, um déficit e, não raro, uma contrapressão emocional, devido a muitos fatores, inclusive às mutações da experiência sexual, entre masculino e feminino, a que o espírito se submete. Então, diante das novas disposições do sexo feminino, o masculino vê-se na contingência de adaptar-se. Aqui também encontramos uma transição que precisa ser meditada.

Na realidade, os conceitos de sexo estão em transição, o que talvez explique a incidência do homossexualismo, que embora estatisticamente não tenha realmente crescido, ganha notoriedade porque homossexuais masculinos, estes em maior

número, e os femininos, assumem essa anomalia de comportamento, pretendendo ser uma minoria de normalidade específica.

A confusão se generaliza. Uma síntese dessa conturbação pode ser encontrada na frase de um homossexual "esta sociedade repressora só vê o sexo como procriador e despreza seus efeitos de prazer e lúdicos". Nela encontramos os elementos de frustração de quem utiliza-se do sexo sem produzir e a inversão dos elementos fundamentais no relacionamento humano. E devisamos, também, que aquilo que se procura no relacionamento sexual não é apenas o fruir do prazer, mas algo mais que pares de homens e mulheres em vão tentam produzir no conluio homossexual.

Veja-se, por exemplo, nesse quadro de conflitos, a questão do orgasmo, uma espécie de loucura que todos deverão alcançar se quiserem atingir o ponto culminante do prazer-sofrimento. Aliás o problema do orgasmo, a começar pelas ideias de Wilhelm Reich, uma personalidade com toques de genialidade e desequilíbrio evidentes, ocupa um lugar cada vez mais predominante na literatura e na fantasia sexual, sem que se tenha tratado do assunto

com a sensatez necessária. E é mais uma sobrecarga que se põe nos ombros das pessoas, agora soltas entre as lendas da friidez e do orgasmo, entre o gelo e o fogo. Ainda aí o caminho do meio parece o mais justo.

Tudo isso seria irrisório se o sexo fosse apenas uma sensação periférica, que não deixasse marcas, se não produzisse efeitos duradouros. Porque, embora os que propagam a anarquia mental e pretendem reduzir a sensibilidade ao sensório, digam que as reações e os problemas morais que cercam a sexualidade são apenas decorrência de modelos e valores inculcados por uma falsa educação, a verdade é mais crua.

O sexo é emoção que perdura no espírito. No estágio em que nos encontramos ele é a forma mais abrangente, decisiva, poderosa de canalizar sua emotividade. Como tal, a força sexual tem sido o instrumento de que ele se tem valido para progredir.

A lenda de Adão e Eva diz bem dessa verdade. O símbolo do homem e da mulher que abandonam a placidez do Éden para a aventura da construção do mundo e a realização de si mesmo, a partir da



união sexual, é bem característica do nosso próprio crescimento.

Basta vermos em nós mesmos e descobriremos essa força extraordinária, modeladora, cuja carga de energia é a mola propulsora da criatividade do espírito, caminho único de desenvolvimento de seus potenciais efetivos.

Ao doce embalo da paixão, o mais canhestro dos homens se transforma em poeta e a mulher na expressão de beleza. Veem com olhos apaixonados o céu com estrelas cantantes e o simples toque ou apenas o olhar, enrubesce, aquece, inflama, impulsiona. Somente esse enlevo faz crescer no peito amante, o indizível sentimento da saudade e deixa descobrir no olhar da pessoa amada mensagens invisíveis de comunicação afetiva.

É fácil compreender que o sexo, como instrumento da emotividade tem, também, sua curva evolutiva. Quando o espírito é primário, a emoção concentra-se na obcecação da posse, na subjugação do outro. Conforme cresce, sua sensibilidade difunde-se e a energia sexual já não é apenas uma alavanca que o impulsiona para a posse, pura e simples. É base para uma relação pessoa a pessoa.

Desde então, começa o problema. Porque enquanto a sexualidade é mero projetar de energias retidas, necessitando escoamento, o senso moral, as raízes emotivas do espírito estão adormecidas. No momento em que ele encontra o olhar do outro e nele vê a resposta de seu sentimento, a compensação de sua vibração emocional, então inicia-se, realmente, uma relação, forma-se o laço das afinidades, das reações mútuas.

Por isso, é loucura julgar-se que a questão possa restringir-se ao simples trocar de elementos físicos, ou que a realização sexual dependeria de uma "libertação do corpo". Todos sabem, ainda que intuitivamente, que a realização sexual está ligada a uma cadeia de interações emotivas. E a emoção é a chave do equilíbrio e do desequilíbrio do espírito.

Todavia, cairíamos no lugar comum das surradas pregações moralistas se permanecêssemos em meras especulações literárias e teóricas, desconhecendo a realidade do cotidiano em que cada um enfrenta as suas emoções e suas angústias.

O espírito encarnado traz uma história pessoal, marcada de revezes, traumas e desvios. Quantos têm aprendido a go-

vernar a si mesmo? E mesmo aqueles que mais estão interessados em alcançar esse governo, passam por transições indispensáveis, porque não há sublimação emotiva, mas conquista, degrau a degrau. O que não significa, porém, padronização ou imutabilidade das experiências. Quer-se apenas dizer que o passar de uma para outra posição requer a maturação indispensável, compreendendo os passos de abandonar, aceitar, concretizar, na direção do ponto projetado.

Que valeriam todas as preleções sobre a sexualidade espiritualizada, sobre a inexistência de sexo indiferenciado, na essência do espírito, se não tivermos meios e modos de conversar, de levar ao jovem escaldando de desejo, aos homens e mulheres no vórtice das emoções homossexuais, a todos, indistintamente, em conflito aberto com suas emoções, uma contribuição capaz de apontar uma saída? E como faremos isso se não aceitarmos que o sexo e o ato sexual se conjugam, que o adultério, as anomalias de comportamento emotivo, as inibições, são constantes e compõem um quadro real, rondando a cabeça imatura da maioria das pessoas?

Em vão se tentou condenar, anatema-

tizar, esconder a realidade. Toda condenação é contraproducente e não podemos usar escalas de medidas extremas para analisar o sentimento humano. Não há apenas duas posições definidas: certo e errado. Há fatores que precisam e devem ser considerados, a partir, inclusive, do conteúdo reencarnatório.

Não podemos falar do sexo dos anjos, porque a lenda diz que eles são assexuados, como convém a certa moral. Mas devemos falar do sexo das pessoas. Feminino e masculino. Temos que abordar temas como a masturbação, as relações pré-nupciais e no casamento. Falaremos do prazer, do orgasmo, da procriação. Da transição sexual primária que enclausura o espírito na manipulação genital, monoideizado na cópula, no poder e na posse, mantendo-o prisioneiro do círculo vicioso, tensão-relaxação. E de todas as formas e meios de liberar a força sexual, pelo domínio de suas potencialidades, mas sem inibições, ansiedade e exercícios angustiantes, que produzem esses tipos imprecisos, indecisos, carregados de tensão e que se infantilizam, amedrontam e sofrem bloqueios, sublimados por penalizantes aspirações de espiritualidade. Balançam entre

o homossexualismo, que não podem assumir e a incapacidade de uma relação sexual sadia; que se mantêm castos por medo? Encontram desculpas em pretensas missões, para não se arriscarem na união conjugal.

A transição há-de ser feita com a consciência de suas fases, de suas incertezas, em exercícios em que a força sexual se canaliza, na busca do belo, do prazer, gerando formas ou produzindo obras do bem, que é a maneira adequada, correta e real, para dar vazão ao poder criativo do espírito, de que o sexo de faz instrumento. Isso envolve toda uma engrenagem de interações pessoais, de comunicação de estágios consciencionais, de partilha de sentimentos, preenchendo as necessidades mais essenciais do Ser.

Temos que aceitar a realidade e sobre ela trabalhar. Negar que o organismo seja a causa, o princípio e o fim da sensibilidade, mas reconhecer que é o instrumento disponível e adequado à troca de elementos da emoção, em sua ampla gama de expressão. Que esse corpo precisa ser amado, cuidado, tratado, mas não cultuado. Que o espírito se manifesta através dele, mas não é ele.

É aí que entra a ética libertadora do espiritismo. A contribuição da doutrina nesse campo é extensa, fundamental, na medida em que desloca o ponto de apoio, a centralização em que se localiza o interesse emotivo das pessoas, sem, contudo, colocá-lo em posições inabordáveis, insensatas, condenatórias. Desloca no sentido de mover a visão acerca da natureza do indivíduo e da vida, mas mantém-se num quadro de realidade palpável, de compreensão dos estágios evolutivos, sem alienação.

Isso ainda é teoria, bem sabemos. Há, todavia, um limite a que nos devemos contingenciar, nesta oportunidade. Não temos a pretensão de abordar o extenso campo da emoção. Aqui não é o lugar para uma profunda análise de todos os fatores que contribuem para sua harmonia, equilíbrio e desequilíbrio da afetividade do ser. O que queremos dizer é que quem quiser comandar a si mesmo precisa aprender a disciplinar-se. Infelizmente, palavras como disciplina, controle, aperfeiçoamento, trazem uma carga de privação, porque têm que ser cotejados com estados de anarquia mental, de retardamento evolutivo, de desperdício de energia. E, o que é pior, têm sido usadas como antagônico de liberdade.

Essa é, porém, uma colocação que precisa ser superada. Disciplinar a si mesmo, autodisciplinar-se, não é um processo de bloqueio, castração ou perda. Ao contrário, é a arrumação, a disposição inteligente, consciente de suas energias, para produzir o bem desejado. E bem é tudo conforme a Lei.

O que desejamos deixar claro é que a doutrina espírita nos fornece elementos capazes de nos ajudar a administrar a nossa carga sexual, sem condenações, mas também sem condescendências. Não condena porque isso não resolve, mas também não absolve, porque essa atitude é inconsistente. Cada um deve saber que a carga sexual gera conflitos íntimos, que precisam ser resolvidos. Provoca interações com outros, que desencadeiam reações. E cada um é sempre responsável pelos seus atos ativos e atos passivos, isto é, não só pelo que faz, mas pelo que deixa de fazer ou induz a fazer, numa reação circular característica, porque aqui também a intensão é fator concreto no conjunto dos valores.

Tem-se discutido muito sobre normalidade. Diante da extrema variedade dos níveis de consciência, como caracterizar

normalidade em termos de comportamento? Pode-se dizer que há anormalidade, desequilíbrio, sempre que a carga afetiva interior, de cada um de nós, exerce uma pressão desconfortável, provoca um estado de suspensão e ansiedades insuportáveis.

Há, sem dúvida, um outro lado dessa questão, que é a interação social, que se exerce, por sua vez, à procura de níveis de normalidade aceitos pela maioria. Todavia, esse nível de normalidade geralmente aceito, quase de fundo estatístico, é suscetível de muitos desvios, devido à interferência de fatores conflitantes e pode, por isso, variar conforme a região, cultura e tempo. Em determinadas circunstâncias, o indivíduo precisa posicionar-se contra a maioria por ter descoberto caminhos diferentes. Então provoca escândalo, da mesma forma, embora em sentido inverso, do provocado pelos que se chafurdam em atitudes meramente instintivas e primárias, em meios sociais mais adiantados.

É incontestável, como já frisamos, que a ética decorre da filosofia de vida. No estágio em que vivemos, há controvérsias e posições que nos pressionam. Como biologicamente o homem, por exemplo, é catalogado como um mamífero, muitos advo-



gam que ele deve permanecer no nível animal, quanto ao relacionamento sexual.

Outros pretenderam ou ainda pretendem desprezar o corpo, a emoção sexual, como sendo um produto desprezível, uma doença que precisa ser curada.

Todavia são posições que não guardam equilíbrio, nem com a realidade das pessoas, nem com as necessidades de comunicação que nos impulsionam.

Não pretendemos dizer que tudo está bem e nada tem que ser mudado, nem aperfeiçoado. Isso seria, no mínimo, contraditório a tudo que temos dito até agora. O nosso propósito é mostrar que ainda tem sido difícil administrar a carga sexual, porque a mente não se munuiu de suficiente base espírita para analisar cada uma das partes que forma o todo existencial, dando-lhe o devido valor e utilidade.

Vendo o homem na sua natureza espiritual imperecível e reencarnatória, o sexo é seu instrumento de construção do amor. Isso significa que essa emoção deve ser usada de maneira construtiva, dentro de valores morais definidos, que a coloque como um ponto de apoio e estímulo para a concretização do projeto de vida de cada

um. Significa que o sexo deve ser comandado e não comandar a ação do espírito.

Sem outra pretensão que a de oferecer pontos para a meditação e pesquisa podemos listar alguns itens que caracterizam a posição do espiritismo em relação ao problema sexual.

- 1.º — O sexo é força criativa, pedindo direção consciente para produzir o bem e o belo;
- 2.º — no relacionamento sexual é imperioso considerar o direito dos outros;
- 3.º — a emoção sexual se espraia por todo o ser, considerados os aspectos físicos e espirituais e não apenas nos órgãos genitais;
- 4.º — o sexo é a base da procriação e do prazer, mas este não é, necessariamente, sinônimo de desejo, de posse e poder;
- 5.º — o relacionamento sexual é tanto mais compensatório e mais pleno, na medida que se apoia na afetividade, na dignificação do ato, das pessoas e no amor;
- 6.º — a sede da sexualidade está no espírito e não no corpo. O espírito não

tem sexo diferenciado, em si mesmo, mas se manifesta, transitoriamente, nas expressões da feminilidade e da masculinidade;

- 7.º — tanto a feminilidade, quanto a masculinidade são, pois, expressões diferenciadas do mesmo sentimento sexual, mantendo-se na esfera extrafísica imediata ao plano terreno, devido às estratificações mentais;
- 8.º — enquanto encarnado, o espírito deve contingenciar-se ao sexo biológico em que se expressa fisicamente no mundo, compreendendo que qualquer diferenciação potencial entre seu estágio íntimo e a realidade física, é sinal de aprendizado para a tentativa de equilíbrio emotivo, uma vez que abusos no campo sexual, produzem consequências profundas nas respostas da vida;
- 9.º — as anormalidades do comportamento sexual exprimem desequilíbrio emotivo, comprometendo o espírito. A sexualidade pede dignificação para criar o bom e o belo.

# 5

## RAÍZES DAS VICIAÇÕES

Já esboçamos, quando tratamos da sexualidade, a questão da normalidade. Por isso quando abordamos o problema da viciação, não podemos cair em lugares comuns de condenação, mas precisamos tentar compreender porque o espírito se vicia.

O termo "vício" é abrangente. Naturalmente há uma conceituação, um consenso social de vício que se caracteriza pela expressão exterior de atitudes e comportamentos que apresentam sinais de degenerescência do indivíduo em si mesmo e no grupo. Algumas vezes certos vícios são

catalogados nos códigos penais e sujeitos às consequências da lei.

A questão, todavia, sob o ponto de vista espírita é mais ampla. Segundo O Livro dos Espíritos, dentre os vícios, o mais radical é o egoísmo. O assunto é tratado nas questões 913 e seguintes dessa obra.

Aparentemente estaríamos nos afastando de uma análise concreta do problema ao apelarmos para o egoísmo, como raiz de toda a viciação. Entretanto, dá-se exatamente o contrário. Até agora, os problemas das viciações mais evidentes, como o alcoolismo, o tabagismo, o uso de drogas, têm sido tratados de maneira superficial, remontando apenas aos efeitos.

Outras viciações não menos funestas, tais como as que distorcem a sexualidade, aprisionam o indivíduo a atitudes mentais de intemperança, descontroles e inibições, reduzindo seu nível de vivência, são catalogadas como doenças de etiologia desconhecida.

Na verdade, o egoísmo tem a ver com todas essas anomalias, com essas expressões de comportamento, que denotam toda uma filosofia de vida, toda uma estruturação existencial.

Por isso, centralizaremos a abordagem da questão dos vícios no egoísmo.

Examinemos as colocações de Allan Kardec e dos espíritos que colaboraram com ele na Codificação.

Na questão 913, de O Livro dos Espíritos encontramos indicações bastante definidas a esse respeito. Por exemplo: "Estudai todos os vícios e vereis que no fundo de todos há egoísmo. Por mais que lhes deis combate, não chegareis a extirpá-los, enquanto não atacardes o mal pela raiz, enquanto não lhes houverdes destruído a causa. (Nestas e nas demais citações estaremos usando a tradução de Guillon Ribeiro, editada pela FEB).

Kardec, nas questões 914 e 915, coloca o egoísmo em duas condições, relativamente ao espírito: 1) o egoísmo fundamenta-se no sentimento de interesse pessoal e 2) o egoísmo é inerente à espécie humana. Por isso ele questiona sobre a possibilidade do egoísmo ser extirpado do coração do homem e de se tornar um obstáculo ao reinado do bem absoluto na Terra.

A resposta a essas preocupações do Codificador, imediatamente às duas citadas questões e nas seguintes, fornecem-

nos toda uma filosofia de vida e uma diretriz de como a humanidade se libertará desse obstáculo.

Fundamentalmente os espíritos que colaboraram na Codificação, atribuem à educação o papel decisivo no combate ao egoísmo. Isto é, na instrução do homem acerca das coisas espirituais e na reforma das instituições humanas que entretêm e excitam o egoísmo.

No desenvolvimento desse processo, "os espíritos se despojam do egoísmo, como de suas impurezas" e isso levará a uma nova ordem social "impelidos pelo sentimento mútuo de solidariedade. Então, o forte será o amparo e não o opressor do fraco e não mais serão vistos homens a quem falte o indispensável, porque todos praticarão a lei de justiça. Esse o reinado do bem, que os espíritos estão incumbidos de preparar".

Essa colocação diz bem dos objetivos do espiritismo e mostra a relação indivíduo-meio, na raiz dos vícios, porque o egoísmo é tanto um defeito, uma impureza individual, como coletiva. E mostra como, desde a Codificação, o espiritismo compreendeu esse relacionamento e essa influência recíproca.

No processo educativo a que se releem os espíritos, o espiritismo terá grande influência, porque, segundo comunicação do espírito Fénelon (questão 917): "Quando bem compreendido, se houver identificado com os costumes e as crenças, o espiritismo transformará os hábitos, os usos, as relações sociais. O egoísmo assenta na importância da personalidade. Ora, o espiritismo, bem compreendido, repito, mostra as coisas de tão alto que o sentimento da personalidade desaparece, de certo modo, diante da imensidade. Destruindo essa importância, ou, pelo menos, reduzindo-a às suas legítimas proporções, ele necessariamente combate o egoísmo".

Por fim, da lúcida apreciação que Kardec faz, após a questão 917, convém ressaltar as seguintes palavras: "O homem deseja ser feliz e natural é o sentimento que dá origem a esse desejo. Por isso é que trabalha incessantemente para melhorar sua posição na Terra, que pesquisa as causas de seus males, para remediá-los. Quando compreender bem que no egoísmo reside uma dessas causas, a que gera o orgulho, a ambição, a cupidez, a inveja, o ódio, o ciúme, que a cada momento o magoam, a que perturba todas as relações sociais, pro-



voca as dissensões, aniquila a confiança, a que o obriga a se manter constantemente na defensiva contra seu vizinho, enfim a que do amigo faz inimigo, ele compreenderá também que esse vício é incompatível com sua felicidade e, podemos mesmo acrescentar, com a sua própria segurança".

Esse posicionamento do espiritismo no seu livro básico, por si mesmo é de tal forma abrangente que nos levaria a terminar por aqui as considerações sobre o problema do vício, não fora a necessidade de aplicá-lo de maneira objetiva ao comportamento humano.

De fato, muito poderiam perguntar que relação tem o egoísmo com o problema existencial do jovem que se deixa vencer pela droga, pelo alcoólatra jogado à sarjeta e pelo fumante que traga seu cigarro? Ou como interar o egoísmo, o instinto sexual com o vício do jogo?

O egoísmo é uma **chaga** que corrói o espírito e a sociedade. Ele leva o indivíduo aos problemas emocionais, às perturbações espirituais, à insegurança existencial, que estão na base dos comportamentos viciosos. É graças ao egoísmo social, travestido

na organização política e econômica, que oprime o indivíduo, que marginaliza a criatura, em favor do conceito de poder e de produtividade, que se geram as diversas formas de delinquência e se produz o auto-flagelo físico e moral, em que muitos caem inapelavelmente.

Esse egoísmo comercializa a droga, a distribui entre crianças e jovens. Doura a pílula amarga do cigarro, pela fantasia da propaganda, forçando a imitação pelos mais fracos. Torna elegante e parte integrante da alegria e da dor, o consumo de bebidas de alto teor alcoólico. Monta cassinos, cria loterias, o jogo do bicho, o carreado.

É também esse egoísmo que agencia a prostituição, divulga o frenesi da paixão sexual, que advoga a libertinagem. Enfim, que procura cada fraqueza, cada desvão, para institucionalizar o vício, pouco importando que o espírito se esfarrape e se destrua.

O egoísmo é tão solerte que criou o machismo, o vencedor, como sinônimo de dominador, mesmo à custa de suas energias mais caras. Avançou sobre a mulher, atacando-a e estimulando-a a crer que so-

mente pela adoção de certos vícios é que se realizaria socialmente.

Não se pense que essas considerações eximam o indivíduo de sua responsabilidade. Já vimos que a interação do indivíduo e o meio é de tal ordem, que não se pode, a não ser idealmente, fazer uma separação, uma divisão definida.

Por isso, qualquer modificação substancial das viciações tem que ser simultaneamente tentada nos campos individual e social. O egoísmo se exprime em atos de agressão contra os outros, mas também de agressão contra si mesmo.

Não seria inoportuno afirmar aqui que para deixar de ser egoísta é preciso aprender a amar. E amar é doar-se. Ora, o egoísmo nos sugere que qualquer doação é uma perda, porque supõe que a segurança, a felicidade está em reter, em possuir, em dominar. Daí ser o exercício da transição do egoísmo para o altruísmo uma atitude que depende da educação que abra ao homem as perspectivas amplas da vida imperecível e dinâmica.

As viciações de toda a sorte podem ter uma causa imediata diferenciada, devido aos estímulos que cada um agasalhou, mas refletem, em última instância, o egoísmo.

O que "viaja" nas asas da droga, procura um mundo isolado, uma solidão de prazer, onde possa fugir de si mesmo e dos outros. Mesmo o prazer aparentemente inocente do cigarro reflete esse edonismo exclusivista, uma introjeção de imagens e sentimentos, uma barreira de isolamento. O mesmo, em maior grau, quando comparado ao cigarro, se refere ao alcoolismo.

Os vícios sexuais, tanto quanto a violência, a revolta, são outras tantas manifestações de doença egoísta, porque o sexo, neste caso, é uma tentativa de prazer com sofrimento do outro, uma agressão a si mesmo e ao parceiro, um escárnio às forças criativas, que pedem doação. A violência e a revolta exprimem uma força ainda mais aguda de egoísmo.

Mas, como todo egoísmo, a grande vítima, afinal, será sempre o egoísta, que sofrerá a solidão afetiva, a desarticulação dos centros da sensibilidade e os desequilíbrios que se exprimem pelas formas de loucura.

Embora esteja definitivamente comprovado o efeito nocivo do fumo para as vias respiratórias e na estimulação can-

cerígena, ainda que informados, milhões continuam a fumar. O tabagismo é um vício social, estimulado por uma propaganda contínua e representa poderoso volume de investimentos e captação de impostos. Para muitos, constituiu-se num vício, num comportamento compulsivo, insuperável.

O alcoolismo é dos mais terríveis flagelos sociais, embora a produção e o consumo de bebidas não sofra qualquer restrição. Milhões de indivíduos penetram o escuro corredor do alcoolismo, que degrada, flagela, destrói física e moralmente a pessoa. Inibindo a manifestação da consciência, destruindo os tecidos e as atividades do organismo, o alcoolismo é responsável por lamentável e interminável cadeia de males, a se espriarem por inúmeras pessoas, relacionadas com o alcoólatra.

Há ainda a viciação no jogo, de qualquer natureza. Essa, reflete à imaturidade do indivíduo, em busca de galgar posições, situações, pela sorte. Esse vício é, assim, uma caracterização do egoísmo, na medida em que procura escamotear a fragilidade do indivíduo que procura deter o cetro da vitória ou do poder, passando "por cima dos outros" sem o merecimento da construção concreta da felicidade. Mas, na

verdade, o jogador é mero instrumento do egoísmo social, da industrialização secular da cupidez. Joga sua energia, sua fibra, seu tempo, comprometendo o destino.

Finalmente, a toxicomania. Nela a estimulação dos centros nervosos, reforçada quimicamente produz, ao início, sensações de liberação, pelo deslocamento do perispírito artificialmente, levando as almas inseguras ao nirvana da imponderabilidade transitória. Aos poucos, contudo, mental e fisicamente, o indivíduo torna-se irreconhecível. Seus reflexos diminuem. A inteligência turva-se, a sensibilidade torna-se difusa. Os centros perispíricos desarticulam-se. É como se tornasse uma ameba gigante, monoideizada, que passa a viver vegetativamente. Não é mais um ser independente, é uma extensão de suas próprias fraquezas.

Não podemos, evidentemente, simplificar a causa porque as pessoas mergulham no poço das viciações, dizendo "é egoísmo". Sendo este inerente à imperfeição, está na raiz do comportamento anormal, mas as formas como cada um cria esses estados mentais depressivos, essa fixação e envolvimento em atitudes que o desfiguram e lhe retiram a dignidade, são

complexas. Não seria possível descer às raízes dos processos de viciação. Como não é nosso propósito discorrer sobre os caminhos difíceis e tortuosos de quem se disponha a reerguer-se, sobrepondo-se à pressão viciosa em que se mergulhou.

Contentar-nos-emos em enfatizar que a compreensão espírita e seus princípios vivenciais serão capazes de, primeiramente, colocar-nos diante do apelo dos vícios de forma crítica e, assim, superá-lo, pela expressão de nossa atitude perante a vida.

O espírita, em primeiro lugar, sabe que viverá sempre e que a viciação não se circunscreve somente aos centros do organismo físico, mas também dos perispirituais e, mais do que isso, lhe atinge o cerne espiritual. Esse fato determina disfunções psíquicas e físicas que prosseguem, na continuidade da vida, a repercutir na constituição perispirítica e somática em várias encarnações e constituindo-se na raiz de muitas das deformações encontradas na existência terrena.

Ele sabe, dentro da globalidade da visão espírita, o que é, porque é e para que é. Compreende que seu corpo físico é um santuário, erguido pela Sabedoria Divina, pa-

ra servir-lhe de instrumento de crescimento e que a vida é inflexível: devolve, invariavelmente, em respostas adequadas, as agressões que sofre.

Está claro que isso por si mesmo não basta para eliminar o problema interior. Mas o indivíduo compreende que não tem mais sentido ou significado canalizar suas frustrações para comportamentos flageladores e auto-aniquilantes, porque a realidade é persistente, permanente e confortável ou desconfortável, conforme a atitude tomada e vivida.

Então, desencantos, desilusões, frustrações, angústias, medo, insegurança e outros sintomas que geralmente estão ligados aos comportamentos viciosos, são assumidos e canalizados para a construção do bem, isto é, o espírita sabe que o envolvimento, a doação, a partilha de sentimentos, constituem remédios eficazes para os descaminhos. Aliás, os únicos caminhos, porque são os que produzem respostas compensatórias. Então, esse aprendizado do "servir" não é mais um exercício de virtude, no sentido salvacionista, mas uma terapia, capaz de devolver o equilíbrio perdido e, sob o ponto de vista espírita, mostrar perspectivas realmente confortadoras,



sustentáveis para o esforço de superação de si mesmo.

É também possível dizer que, sob a luz da filosofia espírita, a vida só é valorizada pela criação e participação no bem, isto é, pela superação do egoísmo, que é a causa mais profunda de todos os estados depressivos, viciados e doentios da alma.

# 6

## FAZER A HORA

Para dar um certo sentido concreto a tudo o que foi dito até aqui, escolhemos a figura de Zaqueu, o publicano, constante das narrativas evangélicas e, por isso, acessível a todos.

"E tendo Jesus entrado em Jericó ia passando. E eis que havia ali um varão chamado Zaqueu; e este era um dos principais publicanos e era rico. E procurava ver quem era Jesus e não podia, por causa da multidão, porque era de pequena estatura. E, correndo adiante da turba subiu num sicômoro para o ver; porque havia de passar por ali. E, quando Jesus chegou

àquele lugar, olhando para cima, viu-o e disse-lhe: Zaqueu desce depressa, porque hoje me convém pousar em tua casa. E, apressando-se, desceu e o recebeu jubiloso. E, vendo todos isso, murmuravam dizendo que entrara na casa de um homem pecador. E, levantando-se Zaqueu disse ao Senhor: Senhor eis que eu dou aos pobres metade dos meus bens e se em alguma coisa fraudei alguém, indenizo-o com quatro tantos. E disse-lhe Jesus: Hoje a salvação entrou nesta casa, porquanto este também é filho de Abraão. Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o que se havia perdido".

Zaqueu, no episódio narrado em Lucas, XIX: 1 a 10, comporta-se de maneira a exemplificar aquilo que tentamos dizer.

Em linhas gerais, o episódio pode ser descrito da seguinte forma: 1) ele era um cobrador de impostos, pessoa que enfrentava o repúdio geral dos contribuintes, pois ao mesmo tempo representava o invasor romano detestado, como se aproveitava da oportunidade para enriquecer; 2) não obstante, ouvindo e, certamente, meditando sobre aquilo que se divulgava a respeito

da doutrina de Jesus de Nazaré, decidiu-se por confirmar pessoalmente aqueles princípios; 3) era de estatura baixa, um fator que o afastaria do contato direto com o Mestre; isso, porém, não constituiu obstáculo porque, consciente de que queria, não titubeou em subir numa árvore para ver o Nazareno; 4) quando se estabeleceu o contato entre ele e Jesus, houve um diálogo maduro: de um lado o Mestre, mais uma vez, desprezando os preconceitos, as aparências, para conhecer, perceber, estimular o real, o intrínseco, o espírito. De outro, Zaqueu, desdobrando sua consciência, não apenas na atuação como cobrador de impostos que, possivelmente, não abandonou, mas preocupado em estabelecer critérios de comportamento que equilibrassem seu próprio eu.

Foi por essa atitude que Jesus teria afirmado: "hoje a salvação entrou nesta casa", o que pode ser claramente compreendido como "hoje você começou a entrar no comando de seu destino, discernindo fatores, estabelecendo prioridades e, sobretudo agindo". Porque a decisão de Zaqueu era conceitual e prática. Atuou no campo interno, quanto à mudança de critérios e objetivos, mas também na ação di-

reta, quando se dispôs a ressarcir, reparar injustiças, a partilhar valores tanto morais, quanto monetários.

Esquematisando as atitudes de Zaqueu, podemos fazer uma análise das situações comportamentais, a partir dos verbos empregados na narrativa:

- **correu** à frente da turba
- **subiu** numa árvore  
para **ver**
- **desceu** imediatamente
- "**dou** metade de meus bens"
- "**indenizo-os** com quatro tantos"

Os verbos dessas frases são todos ativos.

**Correr**, significa apressar-se para alcançar um objetivo, ter pressa de superar um atraso.

**Subir** é uma ação que exige esforço, determinação, consciência do que se pretende. É elevar-se para uma posição mais alta, colocar-se numa condição mais elevada para melhor analisar os fatores.

Desapegando-se de sua posição econômica, social, familiar, pondo-se apenas como pessoa, Zaqueu alcançou uma condição de **Ver**, que não significou apenas

olhar, mas uma atitude existencial, porque carregada de significações morais e conscientes. Zaqueu não queria apenas olhar a figura física de Jesus de Nazaré; pretendia ver, penetrar o sentido de sua doutrina.

Ao descer da árvore, Zaqueu preparava-se para inteirar-se da doutrina de Jesus de Nazaré. Era uma condição de tornar possível esse contato, essa análise. Se ficasse na árvore, se não aceitasse o convite para conversar, compreender, sentir e meditar sobre as propostas que Jesus lhe trazia, ele teria bloqueado a comunicação. O descer, no caso, significa abandonar uma posição desnivelada, para colocar-se em sintonia. Quer dizer, despojar-se de preconceitos, ideias cristalizadas, para permitir que o raciocínio funcione, livremente, que haja possibilidade de penetrar no que o outro diz. Foi o que Zaqueu fez. Se não tivesse descido, apenas teria olhado Jesus e nunca o teria visto realmente.

Dar é a atitude-chave para qualquer programa de vida, que pretenda desenvolver os potenciais do espírito. A doação significa uma forma atuante de participação, única saída para o cerco do egoísmo. Sem que a pessoa aprenda a dar, a doar-se,

jamais completará um ideal qualquer, porque sair de si mesmo é a condição sem a qual qualquer projeto é mera formulação teórica.

Finalmente, **indenizar** é uma atitude madura de reflexão sobre seus próprios passos do presente e do passado, de modo que o equilíbrio do futuro seja possível. Indenizar significa reparar, corrigir, fornecer meios para sair de uma situação deficitária, criada pelo agente indenizador ao indenizado. Há, então, uma necessidade de indenizar afetos, tempo, oportunidades, para que o equilíbrio se faça a partir da reconciliação consigo mesmo e com os outros.

Enfim, Zaqueu assumiu sua imperfeição por inteiro.

Conviveu com ela. Mas ao invés de alimentar a frustração, com queixas, lamúrias e lágrimas, concebeu um projeto de vida, de tal modo que, ao realizá-lo, tivesse vencido a si mesmo.

Sua atitude era apenas um começo. Sua decisão foi estimulada pela presença de Jesus, certamente, mas muito mais pelos conceitos de vida que este trazia.

Concebeu um projeto a partir do que tinha. Resolveu sair de si mesmo, quebrar

o cerco. Para isso, não se importou com o que pudessem dizer familiares, amigos, inimigos, a sociedade, enfim. A escolha era dele e ele a fez.

Como bem diz o texto "a salvação entrou" quer dizer, iniciou-se, penetrou, invadiu o interior. O que ele fez daí para frente, como consolidou seu projeto, como o concluiu e revisou, é uma questão em suspenso. A única certeza que temos é que, se perseverou nos seus propósitos, se lutou contra o desânimo e se pôde esclarecer-se para compreender a vida num sentido amplo, espiritual, imortal, certamente venceu a si mesmo.

É o que cada um pode fazer. Agora.





Impressão e Acabamento  
**GRÁFICA E EDITORA FCA**

Av. Humberto de A.C. Branco 3972 - fone 452-1155  
CEP 09700 - S.B. do Campo - São Paulo